

Crítica // *A mais preciosa das cargas* ★★★★★

Densidade nos traços e trama

Ricardo Daehn

Foi com um tipo muito direto e comunicativo de enredo que o diretor Michel Hazanavicius tornou-se mundialmente famoso, quando das vitórias no Oscar, por *O artista*, que arrebatou estatuetas de melhores filme, ator, direção, música e figurino. Em *O formidável*, que cutucou a

sacra imagem de Jean-Luc Godard, Hazanavicius elegeu certo arrojamento na narrativa, caso permitido pelo material do longa. Agora, ao adaptar, junto com o escritor Jean-Claude Grumberg, *A mais preciosa das cargas* para a telona, o diretor comanda um filme singular (em termos de desenho) e muito diferenciado (na carreira).

A animação — que trata de obstáculos, sem poesia forçada — obteve três indicações ao prêmio César, e ainda competiu nos festivais de Annecy (o maior de animação, no mundo) e Cannes, isso além de ter faturado o prêmio especial do júri de Mar del Plata (Argentina). Atores consagrados como Jean-Louis Trintignant (dos clássicos *Um homem, uma mulher; Amor; Z e O conformista*), Denis Podalydés e Dominique Blanc dão o tom da dublagem. Com intensa dramaticidade, Hazanavicius parte de trama que poderia assentar um conto infantil, mas, a bem da verdade, abriga uma dureza dos tempos pré-Holocausto e negacionismo. No enredo, a esposa de um

PARIS FILMES / DIVULGAÇÃO



A mais preciosa das cargas

lenhador enfrenta um marido embrutecido, tendo por apoio um desconhecido, gravemente ferido no curso da vida, e ainda um bebê de terceiros.

A falta de cuidado entre pessoas de mesma comunidade, a repulsiva perseguição a seres humanos e uma concepção visual alavancada por esboços do diretor (que revela inesperado

talento nos traços) dão conta da densidade do longa que traz roteiro trabalhado por Jean-Claude Grumberg (hoje, aos 85 anos, e que foi colaborador de François Truffaut e Costa-Gavras). Responsável pela montagem (junto com Laurent Pelé-Piovani), Hazanavicius explora um excesso de fades que comportam intensidade, a

cada retorno de imagem. Traços grossos, cores que vão do branco ao musgo, com muita intensidade de terracota e preto, e um conteúdo pertinente (com acirradas críticas ao uso da expressão “sem coração” para se identificar judeus) dão conta de equilibrar esperança, falta de hospitalidade e aconchego, tudo num mesmo longa.

Crítica // *Limonov, o camaleão russo* ★★★★★

Um perigoso pensador

Pernóstico, polêmico, revolucionário, duro, político e ríspido: além de tudo isso, um poeta — este é o retrato de Eduard Limonov, russo que viveu até 2020. Concentrado, inicialmente, no romance mantido com Elena (Viktoria Miroshnichenko), a narrativa de Kirill Serebrennikov (de *O estudante*) abusa do senso de liberdade do futuro homem considerado terrorista e que é interpretado com correção por Ben Wishaw. À frente de palestras e de excessos na bebida e no sexo, o admirador de personalidades como Jim Morrison, Andreas Baader e Lênin via o

capitalismo como “uma m. violenta” e tinha certeza de que “a história não acabava”.

Corrosivo nos textos do

periódico *Limonka*, ele, que circulou por Nova York e Paris, fazia valer a granada associada a seu codinome. Nacionalista e com a sexualidade em brasa, Limonov era guerrilheiro que, ao menos nas palavras, não temia afundamentos “em sangue”. Com quê meio improvisado e doses de imagens apoteóticas, o filme inflama. O roteiro vem assinado por Emmanuel Carrère (autor de livro sobre o cinebiografado), Ben Hopkins e Pawel Pawlikowski (cineasta



Limonov: O camaleão russo

indicado ao Oscar por *Guerra fria*). Radical e cheio de delírios, até em entrevistas, Eddie tira o crédito de pólvora de qualquer podcast contemporâneo. (RD)

Salada de ritmos

Arthur Monteiro

A mais recente animação nacional a dominar as salas de cinema, *Abá* e sua banda, retoma temas sobre diversidade e as várias maneiras de existir, desenvolvidos em um grande arco do herói em prol da democracia. *Abá*, dublado pelo ator Filipe Bragança, enfrenta o dilema clássico do cinema: seguir um destino que lhe foi predestinado — ser príncipe

do Reino das Frutas — ou contrariar as expectativas do pai para perseguir o sonho de ser músico, pelo menos até que a tentativa do tio ditador de tomar o trono mude o rumo da história. A trama, dirigida por Humberto Avelar, revela a competência do audiovisual brasileiro e questiona a supremacia do Norte Global sobre a sétima arte, segundo os diretores Filipe Bragança e Humberto Avelar.



REPRODUÇÃO/ GLOBO FILMES